

## Hidrocefalia na infância: desafios e estratégias no cuidado de enfermagem perante o desenvolvimento

Géssica Fernanda Kirgbauer da Cunha Araújo, Enfermagem, Integrado, Brasil

Jhulia Lanara Viana Cano, Enfermagem, Integrado, Brasil

Orientadora: Franciele Milani Pressinatte, Enfermagem, Integrado, Brasil,

E-mail: [franciele.milani@grupointegrado.br](mailto:franciele.milani@grupointegrado.br)

### RESUMO

A hidrocefalia é uma condição neurológica complexa caracterizada pelo acúmulo excessivo de líquido cefalorraquidiano nos ventrículos cerebrais, ocasionando aumento da pressão intracraniana e comprometimento do desenvolvimento e da saúde neurológica. Trata-se de uma enfermidade que demanda atenção cuidadosa e contínua, tanto pela gravidade de suas complicações quanto pelos impactos físicos, emocionais e sociais que provoca nos pacientes e familiares. Este trabalho teve como objetivo identificar, por meio de revisão da literatura, as principais evidências relacionadas à responsabilidade técnica da enfermagem no manejo da hidrocefalia, considerando aspectos clínicos, assistenciais e psicossociais. Trata-se de uma revisão de literatura narrativa, de caráter exploratório e descritivo, que possibilita a síntese do conhecimento existente sobre a temática. Foram analisadas publicações nacionais que abordam a atuação da enfermagem frente à hidrocefalia, ressaltando as contribuições da prática baseada em evidências para a qualidade do cuidado. Os resultados apontaram que o diagnóstico precoce constitui um fator crucial para a prevenção de complicações neurológicas. Entre os desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem, destacam-se a ausência de treinamento específico e a necessidade de atuação em equipe multidisciplinar. O impacto psicológico também se mostra relevante, uma vez que o diagnóstico impõe à família mudanças significativas na rotina e no processo de aceitação. Assim, torna-se evidente a importância de suporte psicológico, educação em saúde e implementação de programas educativos voltados tanto para familiares quanto para profissionais, favorecendo a adesão ao tratamento e a melhoria da qualidade de vida dos pacientes. Conclui-se que a hidrocefalia requer intervenção precoce, assistência humanizada e suporte multiprofissional, sendo a enfermagem peça central nesse processo. A valorização de práticas educativas e a capacitação profissional contribuem para a segurança do paciente e para a integralidade do cuidado.

**PALAVRAS CHAVES:** Hidrocefalia; Desenvolvimento Infantil; Reabilitação; Qualidade de Vida; Cuidados Enfermagem.

## ABSTRACT

Hydrocephalus is a complex neurological condition characterized by the excessive accumulation of cerebrospinal fluid in the cerebral ventricles, leading to increased intracranial pressure and impairment of neurological health and development. It is a disorder that demands continuous and careful attention due to the severity of its complications and the physical, emotional, and social impacts it causes in patients and their families. This study aimed to identify, through a literature review, the main evidence related to the technical responsibility of nursing in the management of hydrocephalus, considering clinical, care-related, and psychosocial aspects. It is a narrative literature review, of exploratory and descriptive nature, allowing for the synthesis of existing knowledge on the subject. National publications addressing nursing practice in hydrocephalus management were analyzed, highlighting the contributions of evidence-based practice to the quality of care. The results indicated that early diagnosis is a crucial factor in preventing neurological complications. Among the challenges faced by nursing professionals are the lack of specific training and the need for effective multidisciplinary teamwork. The psychological impact is also significant, as the diagnosis imposes major changes in family routines and the process of acceptance. Therefore, the importance of psychological support, health education, and the implementation of educational programs aimed at both families and professionals becomes evident, as these strategies promote treatment adherence and improve patients' quality of life. It is concluded that hydrocephalus requires early intervention, humanized care, and multiprofessional support, with nursing playing a central role in this process. The enhancement of educational practices and professional training contributes to patient safety and the comprehensiveness of care.

**KEYWORDS:** Hydrocephalus; Child Development; Rehabilitation; Quality of Life; Nursing Care.

## INTRODUÇÃO

A hidrocefalia é uma condição neurológica caracterizada pelo acúmulo excessivo de líquido cefalorraquidiano (LCR) nos ventrículos cerebrais, podendo resultar em dilatação ventricular, aumento da pressão intracraniana e comprometimento das funções neurológicas. Embora seja uma doença conhecida desde a antiguidade, os avanços diagnósticos e terapêuticos ao longo do século XX possibilitaram maior sobrevida e qualidade de vida aos pacientes, especialmente com o desenvolvimento das derivações ventriculares (Sampaio, 2021; Vieira, 2025).

No contexto pediátrico, a hidrocefalia pode ser congênita, frequentemente associada a fatores como prematuridade, baixo peso ao nascer e condições

maternas durante a gestação, ou adquirida, decorrente de traumas, infecções ou tumores cerebrais. O diagnóstico precoce é essencial para minimizar complicações, sendo realizado por meio de exames de imagem, como ultrassonografia trans-fontanelar, tomografia computadorizada e ressonância magnética (Silva; Ribeiro; Santos, 2022).

A atuação do enfermeiro é fundamental desde o diagnóstico até o período pós-alta, abrangendo a avaliação clínica, o monitoramento neurológico e cardiorrespiratório, o suporte nutricional e a orientação familiar. A puericultura assume papel estratégico, permitindo o acompanhamento sistemático do crescimento e do desenvolvimento infantil, bem como a detecção precoce de complicações ou atrasos. Além disso, a educação em saúde fornecida aos cuidadores fortalece a adesão ao tratamento, reduz a sobrecarga emocional familiar e contribui para a promoção da autonomia da criança (Meneses, 2021; Silva; Lopes Júnior; Silva, 2024).

Outro aspecto relevante refere-se à estimulação precoce, que favorece a neuroplasticidade e contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo e social. Estratégias interdisciplinares que envolvem médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos e assistentes sociais são fundamentais para potencializar os resultados do tratamento e garantir um cuidado integral. Contudo, fatores socioeconômicos e a escassez de serviços especializados ainda representam barreiras importantes para muitas famílias, evidenciando a necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso e o suporte social (Nunes; Pereira; Guimarães, 2024).

A hidrocefalia continua representando um importante desafio para a prática clínica e para a saúde pública, visto que pode impactar de forma significativa no desenvolvimento motor, cognitivo e social das crianças acometidas. Mesmocom o tratamento cirúrgico e clínico adequado, muitas crianças apresentam repercussões no desenvolvimento global, exigindo acompanhamento multiprofissional contínuo.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível analisar as principais orientações voltadas ao desenvolvimento infantil em crianças com hidrocefalia, considerando tanto os aspectos clínicos quanto os sociais e educacionais. Compreender tais diretrizes permite não apenas otimizar o cuidado prestado, mas também promover inclusão, qualidade de vida e maior autonomia às crianças e seus familiares. Dessa forma surgiu o seguinte problema de pesquisa: Como o acompanhamento multidisciplinar pode contribuir no desenvolvimento de crianças com hidrocefalia?

Tendo como objetivo geral; Analisar como as intervenções multidisciplinares e a estimulação precoce podem favorecer no desenvolvimento motor, cognitivo e social de crianças com hidrocefalia, promovendo qualidade de vida e autonomia.

## MÉTODO

Trata-se de uma revisão de literatura, de caráter qualitativo e exploratório, com o propósito de reunir, analisar e sintetizar evidências científicas disponíveis sobre a hidrocefalia na infância e os desafios enfrentados pela enfermagem no cuidado, acompanhamento e desenvolvimento infantil. Fontes de informação realizadas nas seguintes bases de dados; SciELO (Scientific Electronic Library Online); LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); BDEF (Base de Dados de Enfermagem). A pesquisa ocorreu entre os meses de Março a Outubro de 2025, utilizando os descritores controlados do DeCS/MeSH: “Hidrocefalia”, “Desenvolvimento Infantil”, “Cuidados de Enfermagem”, “Qualidade de Vida” e “Reabilitação”. Foram empregados os operadores booleanos “AND” e “OR” para associar e refinar os resultados, possibilitando maior abrangência na recuperação das publicações.

Foram incluídos estudos que atendessem aos seguintes critérios:

- Publicados entre 2020 e 2025;
- Redigidos em português;

- Disponíveis na íntegra e de acesso gratuito;
- Que abordassem especificamente a hidrocefalia na infância e o papel da enfermagem no cuidado, acompanhamento e reabilitação da criança.

Foram excluídos:

- Trabalhos duplicados;
- Redigidos em línguas estrangeiras;
- Não disponíveis na íntegra ou com acesso pago;
- Pesquisas voltadas para hidrocefalia em adultos ou que não contemplassem o objetivo da pesquisa;
- Textos sem relação direta com o cuidado de enfermagem ou com o desenvolvimento infantil;
- Relatos de caso isolados, cartas ao editor, editoriais e resumos de eventos sem dados completos ou que não fossem de fontes seguras.

Inicialmente, foram identificados 62 artigos nas bases pesquisadas. Após a leitura dos títulos e resumos, 37 artigos foram selecionados para leitura completa. Destes, 20 estudos compuseram a amostra final, por atenderem integralmente aos critérios de inclusão.

## REVISÃO DE LITERATURA

### Etiologia da doença

A hidrocefalia é uma condição neurológica conhecida desde a Antiguidade. Os primeiros relatos datam entre os séculos V e VI a.C., sendo descrita como uma acumulação de “água ao redor do cérebro das crianças”, associada a complicações como epilepsia crônica e atrasos no desenvolvimento. O termo “hidrocefalia” surgiu entre os séculos I a.C. e I d.C., através das descrições de Aulo Cornélio Celso (Bellolio et al., 2024).

No século XX, Walter Dandy realizou estudos experimentais em cães, identificando bloqueios artificiais da circulação do líquido e avançando na

compreensão da fisiopatologia da doença. Esses achados marcaram um período de evolução no entendimento da hidrocefalia em humanos. Já a década de 1950 representou um marco no tratamento, com o desenvolvimento das derivações ventriculares, que possibilitaram maior sobrevida e melhor qualidade de vida aos pacientes (Sampaio, 2021).

A hidrocefalia é definida como o acúmulo excessivo de líquido cefalorraquidiano (LCR) nos ventrículos cerebrais. Esse acúmulo provoca aumento da pressão intracraniana e dilatação ventricular. Apesar de pouco abordada, é uma das doenças mais comuns tratadas por neurocirurgiões e pediatras, afetando diretamente o desenvolvimento global da criança (Vieira, 2025).

A literatura descreve diferentes tipos de hidrocefalia. A congênita diagnosticada ao nascimento e está relacionada a fatores como diabetes materno, hipertensão gestacional, uso de álcool na gravidez, prematuridade e baixo peso ao nascer (Silva; Lopes Júnior; Silva, 2024).

A Hidrocefalia adquirida surge após o nascimento, geralmente associada a traumas, hemorragias ou tumores cerebrais. Também é relatada a hidrocefalia de pressão normal, prevalente em adultos acima de 50 anos, mas relevante para compreender o espectro da doença (Silva; Lopes Júnior; Silva, 2024).

O diagnóstico precoce é fundamental para prevenir complicações. No período pré-natal, a ultrassonografia obstétrica do 2º trimestre, geralmente entre 18 e 22 semanas pois já permite identificar sinais da doença, sendo a ressonância magnética fetal indicada para confirmação mais detalhada (Silva; Ribeiro; Santos, 2022).

Após o nascimento, exames como ultrassonografia transfontanelar, tomografia computadorizada e ressonância magnética são utilizados para avaliar a extensão da dilatação e planejar o tratamento mais adequado (Silva; Ribeiro; Santos, 2022).

## Hidrocefalia na infância

Os sinais e sintomas da hidrocefalia apresentam-se de forma variável, dependendo da faixa etária, da etiologia primária ou doença de base, da presença de malformações ou lesões cerebrais associadas, da intensidade da obstrução ao fluxo do líquido cefalorraquidiano e do grau de elevação da pressão intracraniana (Ramina; 2021)

Em recém-nascidos, os achados mais frequentes incluem irritabilidade, letargia, episódios de vômitos e crescimento acelerado do perímetro cefálico. A mensuração periódica da circunferência cefálica constitui um parâmetro clínico essencial para a suspeita diagnóstica. Entretanto, estudos radiológicos evidenciam que, em alguns casos, a dilatação ventricular e o aumento da pressão intracraniana podem preceder a manifestação de macrocrania (Ramina; 2021)

Em lactentes, especialmente até o final do segundo ano de vida, uma avaliação clínica minuciosa pode indicar fortemente a presença de hidrocefalia descompensada. Entre os achados sugestivos destacam-se a desproporção craniofacial, abaulamento da fontanela independentemente da posição do paciente, congestão venosa superficial no couro cabeludo e face, sinal do “sol poente” e estrabismo convergente (Ramina; 2021)

A fontanela anterior, enquanto permanecer aberta, deve ser examinada periodicamente quanto ao tamanho, formato e tensão, sendo esta última avaliada nas posições sentada, deitada e em pé. Uma fontanela ampla, tensa e abaulada em posição ereta, em paciente tranquilo, constitui forte indício de hipertensão intracraniana (Veloso, E. K. da C., & Santiago, R. F. 2024).

Outros sinais incluem afastamento das suturas cranianas, presença do sinal do “pote rachado”, hipertonia e limitação da mobilidade dos membros inferiores. Além disso, o peso desproporcional da cabeça, a hipotonia cervical e o atraso neuropsicomotor podem prejudicar o controle postural e o desenvolvimento da marcha (Veloso, E. K. da C., & Santiago, R. F. 2024).

Quando associada a lesões expansivas ou deformidades da fossa posterior, a condição pode ainda manifestar-se com distúrbios respiratórios e episódios de bradicardia (Veloso, E. K. da C., & Santiago, R. F. 2024).

A partir do segundo e terceiro anos de vida, a hidrocefalia pode ser identificada em formas aguda ou crônica. Na forma aguda, observa-se evolução rápida e progressiva, caracterizada por cefaleia, vômitos, alterações oculomotoras, redução do nível de consciência, crises convulsivas e edema de papila que é o inchaço do disco óptico. Na forma crônica ocorre cefaleias ocasionais de frequência crescente, vômitos matinais, deterioração progressiva da marcha, atraso no desenvolvimento neuro psicomotor e alterações comportamentais (Brasil 2020/2021).

O edema de papila pode estar presente, embora sua ausência não descarte hipertensão intracraniana crônica. Alguns pacientes desenvolvem comprometimento visual progressivo, podendo evoluir para cegueira irreversível (Brasil 2020/2021).

As sequelas neurológicas variam conforme a faixa etária, a velocidade de instalação do quadro, a extensão da perda neuronal, a presença de lesões associadas, bem como a oportunidade e possíveis complicações do tratamento. Nos casos mais graves, pode ocorrer comprometimento neuro psicomotor severo, resultando em dependência completa para as atividades de vida diária (Brasil 2020/2021).

## Tratamento

A hidrocefalia pode ser manejada por meio de intervenções transitórias ou definitivas, envolvendo condutas invasivas e não invasivas. Entre as medidas transitórias não invasivas, destacam-se o uso de fármacos com o objetivo de reduzir a produção de líquido cefalorraquidiano, diminuir o conteúdo hídrico cerebral ou favorecer a reabsorção do líquido (Ramina; 2021)

Entre os tratamentos disponíveis, a derivação ventrículo-peritoneal (DVP) é a técnica mais utilizada. Esse procedimento consiste na inserção de um cateter conectado a uma válvula, permitindo a drenagem do LCR da cavidade ventricular para a cavidade peritoneal, aliviando a pressão intracraniana. Apesar de eficaz, a DVP pode gerar complicações, como obstruções, infecções, hemorragias e sofrimento psicológico à família (Silva; Ribeiro; Santos, 2022).

Outra técnica utilizada é a derivação ventricular externa (DVE), indicada principalmente em situações de emergência. Esse dispositivo temporário permite a drenagem e até a coleta do LCR, além da administração de medicamentos. Contudo, apresenta riscos elevados de infecção devido à exposição microbiana, restringindo seu uso prolongado (Silva; Ribeiro; Santos, 2022).

A hidrocefalia pode ocasionar atrofia cerebral por dois mecanismos principais. O primeiro está relacionado ao aumento da pressão intracraniana decorrente do acúmulo anormal de líquido cefalorraquidiano (LCR), que comprime e lesa os tecidos cerebrais, resultando em perda neuronal e redução do volume cerebral (Soares; et.al 2023).

O segundo mecanismo envolve a interrupção do fluxo normal do LCR, comprometendo sua circulação e favorecendo o acúmulo de metabólitos tóxicos, que também contribuem para a lesão e atrofia do tecido cerebral. Quando não tratada ou tratada de forma inadequada, a hidrocefalia intensifica o risco de dano cerebral irreversível e de comprometimento funcional (Soares; et. al 2023).

O manejo adequado inclui intervenções como a derivação liquórica (shunt cerebral) ou a ventriculostomia endoscópica para restabelecer o fluxo do LCR e reduzir a pressão intracraniana. A abordagem precoce é essencial para prevenir complicações graves, como a atrofia cerebral, e preservar as funções neurológicas (Soares; et. al 2023).

Dessa forma, embora a atrofia cerebral não seja uma consequência inevitável, a hidrocefalia representa um importante fator de risco quando não é diagnosticada e tratada de forma oportuna (Soares; et. al 2023).

## **Enfermagem em Puericultura: Estratégias de Avaliação e Acompanhamento da Criança com Hidrocefalia**

O enfermeiro desempenha papel central na assistência ao recém-nascido com hidrocefalia, sendo responsável pela avaliação inicial e pela identificação precoce de sinais clínicos, como aumento do perímetro cefálico, abaulamento e tensão das fontanelas, irritabilidade e alterações neurológicas (Meneses; 2021).

Essa avaliação precoce é essencial para o diagnóstico oportuno e para a implementação imediata de intervenções. Além disso, o enfermeiro realiza o monitoramento contínuo do estado neurológico e dos parâmetros vitais, observando a pressão intracraniana e identificando possíveis complicações, como infecções ou alterações respiratórias (Meneses; 2021).

Outro aspecto fundamental da prática de enfermagem é o suporte e a orientação às famílias, por meio da educação em saúde sobre a condição, cuidados domiciliares, administração correta de medicamentos, necessidade de acompanhamento médico e reconhecimento de sinais de alerta que demandem assistência imediata. Nesse sentido, o enfermeiro contribui para a capacitação dos pais no manejo seguro e eficaz da criança portadora de hidrocefalia (Meneses; 2021).

A enfermagem atua na coordenação do cuidado multidisciplinar, promovendo a comunicação entre os diferentes profissionais de saúde e assegurando a execução de um plano assistencial individualizado e integral (Silva; Lopes Júnior; Silva, 2024).

Essa atuação inclui o acompanhamento clínico, a participação em exames diagnósticos, intervenções terapêuticas e processos de reabilitação, garantindo uma abordagem holística e contínua para o recém-nascido com hidrocefalia (Silva; Lopes Júnior; Silva, 2024).

Os cuidados de enfermagem são fundamentais no acompanhamento da criança com hidrocefalia. O processo de enfermagem possibilita estruturar e individualizar o cuidado, envolvendo monitoramento cardiorrespiratório, avaliação neurológica, exame físico, suporte nutricional e manutenção da postura corporal, o enfermeiro atua desde o diagnóstico até o período pós-alta, orientando a família e fortalecendo o vínculo com a equipe multidisciplinar devido ao tempo elevado de tratamento (Silva; Lopes Júnior; Silva, 2024).

A família desempenha papel central no processo de cuidado. O diagnóstico de hidrocefalia gera dúvidas, medos e sobrecarga emocional, que podem resultar em estresse e fadiga. Por isso, o acolhimento multiprofissional é indispensável, oferecendo apoio psicológico e terapias ocupacionais para reduzir o impacto emocional e favorecer a adesão ao tratamento (Nunes; Pereira; Guimarães, 2024).

O envolvimento ativo dos cuidadores contribui para melhores resultados, pois possibilita a implementação de estratégias que estimulam o desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança. No entanto, fatores socioeconômicos muitas vezes limitam o acesso a terapias e acompanhamento especializado, evidenciando a necessidade de políticas públicas que ampliem o suporte às famílias (Silva; Ribeiro; Santos, 2022).

A estimulação precoce é apontada como essencial para minimizar os impactos da hidrocefalia. Ela favorece a neuro plasticidade e amplia a autonomia da criança, contribuindo para seu desenvolvimento integral. Dessa forma, o cuidado vai além da cirurgia, exigindo uma abordagem multiprofissional que una medicina, enfermagem, apoio psicossocial e educação em saúde (Silva; Ribeiro; Santos, 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hidrocefalia é uma condição neurológica complexa e ainda representa um desafio significativo no desenvolvimento infantil. O diagnóstico precoce, tanto no período pré-natal quanto após o nascimento, associado a intervenções terapêuticas adequadas, como a derivação ventrículo peritoneal e a ventriculostomia endoscópica, é fundamental para reduzir complicações e prevenir danos neurológicos irreversíveis.

O tratamento, entretanto, não deve restringir-se apenas às condutas médicas e cirúrgicas. O acompanhamento multidisciplinar, principalmente o acompanhamento da enfermagem, mostra-se essencial para garantir assistência integral, contínua e humanizada. O enfermeiro atua na avaliação clínica, no monitoramento dos sinais neurológicos, motor, orientação familiar e na coordenação do cuidado multiprofissional, fortalecendo o vínculo entre a equipe de saúde, paciente e família.

Além disso, a educação em saúde voltada na estimulação precoce são estratégias indispensáveis para minimizar os impactos da doença, promovendo maior autonomia e qualidade de vida para a criança. O envolvimento ativo da família, aliado a políticas públicas que ampliem o acesso a serviços de reabilitação e apoio psicossocial, constitui o pilar central no cuidado a longo prazo.

Portanto, compreender a hidrocefalia em seus aspectos clínicos, terapêuticos e psicossociais torna-se essencial para que profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros; pois podem contribuir de forma efetiva no acompanhamento do desenvolvimento motor, cognitivo e social, para que as crianças alcancem seu potencial pleno, promovendo qualidade de vida satisfatória.

## AGRADECIMENTOS

"Agradeço primeiramente à minha dupla pelo apoio e parceria em cada etapa desta jornada. À professora Franciele Pressinatte, pela dedicação, orientação e paciência ao longo do processo. À banca avaliadora, pelas valiosas contribuições para o aprimoramento deste trabalho. E, com muito carinho, à minha amiga Lucimara, mãe do Lorenzo, que me inspirou a escolher este tema ao compartilhar sua história e vivência com a hidrocefalia."

## REFERÊNCIAS

BELLOLIO, M. et al. Hidrocefalia: histórico e avanços no diagnóstico e tratamento. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 9, p. 3355–3370, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. Saúde Brasil 2020/2021: anomalias congênitas prioritárias para a vigilância ao nascimento. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1373344>. Acesso em: 22 ago. 2025.

CASTRO, A. F. S.; VIEIRA, N. B. S. Práticas cirúrgicas no tratamento da hidrocefalia: revisão integrativa. *Revista de Neurologia e Saúde*, v. 7, n. 2, p. 11757–11774, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-006>. Acesso em: 6 mai. 2025.

GOMES, M. P. et al. Revisão integrativa: método de pesquisa para a construção da enfermagem baseada em evidências. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, n. 1, p. e20200093, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0093>. Acesso em: 9 mai. 2025.

HIDROCEFALIA na infância: o que o pediatra precisa saber, *Artmed*. Disponível em: <https://artmed.com.br/artigos/hidrocefalia-na-infancia-o-que-o-pediatra-precisa-saber>. Acesso em: 29 mai. 2025.

MENESES, S. R. Hidrocefalia congênita: revisão de literatura. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, v. 2, n. 3, p. 105-105, 2021.

NUNES, A.; PEREIRA, L.; GUIMARÃES, M. Suporte familiar na hidrocefalia pediátrica: estratégias de acolhimento e adesão ao tratamento. **Revista de Saúde e Família**, v. 12, n. 3, p. 45-56, 2024.

PAZ, J. V. C. D. et al. Aspectos clínicos e evolutivos da classificação e do tratamento para síndrome de hidrocefalia pediátrica: uma revisão bibliográfica. **Revista de Neurologia e Saúde**, v. 10, n. 4, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.27171>. Acesso em: 6 mai. 2025.

POUSA, M. S. Avaliação do tempo de permanência da derivação ventrículo peritoneal em adolescentes com hidrocefalia congênita. **Arca Fiocruz**, 2021.

RAMINA, R. Hidrocefalia. In: Neurocirurgia: diagnóstico e tratamento. São Paulo: **Atheneu**, 2021. p. 234-250.

SAMPAIO, A. P. et al. Avanços diagnósticos e terapêuticos na hidrocefalia pediátrica: revisão integrativa. **Jornal de Neuropediatria**, v. 10, n. 4, p. 1–9, 2021.

SAMPAIO, R. Diagnóstico precoce da hidrocefalia: exames de imagem e avaliação clínica. **Jornal de Neuropediatria**, v. 18, n. 2, p. 112-120, 2021.

SILVA, F. C. D.; RIBEIRO, W. A.; SANTOS, L. C. A. D. Cuidados de enfermagem ao recém-nascido com hidrocefalia: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 3, n. 3, p. 1–14, 2022. Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/276>. Acesso em: 6 mai. 2025.

SILVA, J. R.; LOPES JÚNIOR, A.; SILVA, M. A. Hidrocefalia: assistência de enfermagem e impacto no desenvolvimento infantil. **Revista Saúde Multidisciplinar**, v. 16, n. 1, p. 42–45, 2024.

SILVA, F.; LOPES JÚNIOR, A.; SILVA, M. Atuação da enfermagem em crianças com hidrocefalia: sistematização e cuidado individualizado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, n. 4, p. 856-865, 2024.

SILVA, T.; RIBEIRO, P.; SANTOS, C. Hidrocefalia: aspectos clínicos e implicações para o desenvolvimento. **Revista de Neurologia e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 23-34, 2022.

SOARES, F. de F. R. et al. Hidrocefalia: tratamento precoce da hidrocefalia em crianças. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 10, p. 1226–1238, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i10.11611>. Acesso em: 22 ago. 2025.

# SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

VELOSO, E. K. da C.; SANTIAGO, R. F. Assistência de enfermagem à paciente com hidrocefalia congênita: um relato de experiência. **Revista Saúde Multidisciplinar**, v. 16, n. 1, p. 42-45, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.53740/rsm.v16i1.758>. Acesso em: 22 ago. 2025.

VIEIRA, L. Desenvolvimento infantil e desafios da hidrocefalia: uma abordagem multidimensional. **Revista de Psicologia e Educação**, v. 14, n. 2, p. 67-78, 2025.

VIEIRA, N. B. S. Práticas cirúrgicas no tratamento da hidrocefalia: revisão integrativa. **Revista de Neurologia e Saúde**, v. 7, n. 2, p. 11757–11774, 2025.